



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Brasil Post

Data: 26/02/2015

Caderno/Link: http://www.brasilpost.com.br/2015/02/24/origem-trotes-universitar_n_6662366.html?utm_hp_ref=educacao#comments

Assunto: Verdadeiros círculos viciosos, trotes universitários expõem contradições e desafiam uma tradição secular

Verdadeiros círculos viciosos, trotes universitários expõem contradições e desafiam uma tradição secular

À continuidade ou permanência de uma doutrina, costumes e valores de um grupo se dá o nome de **tradição**. Sobre ela o historiador britânico **Eric Hobsbawm** chegou a escrever um livro (*A Invenção das Tradições*), no qual ele demonstra o quão importante a tradição é na estabilidade social através dos tempos. Mais do que isso: **tradições são invenções do homem**, elas não aparecem ao acaso. E por vezes é difícil romper com elas.

"É uma questão de tradição", disse ao Brasil Post o diretor da **Faculdade de Medicina da USP (FMUSP)**, **José Otávio Costa Auler Junior**, após uma das audiências realizadas pela **Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp)**, que apura os casos de **estupros** e violações dos direitos humanos em instituições de ensino superior do Estado de São Paulo.

As denúncias de estupros e casos de **homofobia** e **racismo** em festas promovidas majoritariamente pela **Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz** ganharam força no ano passado, e mais de uma dezena de relatos foi feita na CPI e anteriormente na **Comissão de Direitos Humanos (CDH)** do Legislativo estadual. O Ministério Público já atua no caso e pelo menos oito denúncias estão sendo apuradas, com uma pessoa já indiciada até o momento.

O que chegou a crimes graves começa com os conhecidos - e lamentavelmente tradicionais - trotes. Atividades que marcam a **entrada de calouros na vida universitária**, os trotes não são uma exclusividade paulista, tampouco brasileira. É uma prática secular, com relatos conhecidos desde os tempos de Platão, e com episódios em instituições europeias. **De Coimbra, em Portugal**, estudantes da elite brasileira trouxeram a prática.

O próprio nome "trote" tem uma etimologia próxima em vários idiomas. Em comum em todos eles é o significado: é o andar intermediário do cavalo, entre o passo e o galope. No caso equino, é algo que se precisa ensinar, muitas vezes com chicotadas. **O mesmo "adestramento", em muitas universidades, acontece contra os "bixos", termo aplicado aos calouros**, em diversas ocasiões com uma violência ainda maior do que a aplicada contra os cavalos.

Para ser domesticado, o calouro **"deve ser humilhado a ponto de nem mesmo merecer que a palavra bicho seja escrita corretamente"**. A frase é do professor da Universidade Federal de São Carlos (UFScar), **Antônio Zuin**, autor de um livro sobre o tema (*O Trote na Universidade: Passagens de um Rito de Iniciação*). É na sua entrada que o estudante sofre com a "tradição" vigente, da qual lançará mão anos depois, quando se tornar um veterano. Ou seja, um verdadeiro círculo vicioso.

"Os trotes deveriam ser completamente abolidos. Não há quaisquer chances de que eles possam promover uma integração não doentia na vida universitária", disse Zuin ao jornal O Estado de S. Paulo, no ano passado. "O trote pode ser caracterizado como rito de passagem sadomasoquista, pois o calouro que sofre violências física e psicológica adquire o direito de se vingar de tais sofrimentos nos calouros do próximo ano", completou.

A opinião do vice-diretor da Faculdade de Medicina do ABC, **Marco Akerman** - autor do livro *Bulindo com a Universidade - Um Estudo sobre o Trote na Medicina* -, não é muito diferente. Para ele, vencer "o reino do medo, do silêncio e da naturalização das práticas, que levam ao receio de denúncias e, portanto, à continuidade dos abusos" é uma tarefa diária e constante que deve ser adotada. "É preciso um corpo sensível de escuta das vítimas", sentenciou.

Os casos mais recentes da USP só ajudaram a dar mais repercussão a pelo menos três casos já relatados no Brasil em 2015. No dia 2 deste mês, uma estudante foi queimada com ácido no primeiro dia de aula do curso de Pedagogia nas **Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)**, em Adamantina, interior de São Paulo. Neste mesmo trote, o produto químico atingiu os olhos de outro aluno, que pode ficar cego. No mesmo dia, na zona oeste da capital paulista, um calouro da **Faculdade Oswaldo Cruz** foi parar no hospital após ser forçado a ingerir bebidas alcoólicas. O corpo, enrolado apenas em um lençol e fraldas, apresentava várias lesões.

"Acho que está tendo um movimento na sociedade, que ela perdeu o controle dessa barbaridade toda, e de repente a sociedade quer recuperar o controle. Será que ninguém nessa terra sabia o que estava acontecendo? A gente achava que isso acontecia nos grotões das faculdades particulares, que não entra nem MEC (Ministério da Educação) nem nada. Não! São nas melhores, nas mais conceituadas, e na cara de todo mundo. Nós temos que aproveitar esse momento mágico para estabelecer novas regras de funcionamento", opinou o deputado estadual **Adriano Diogo** (PT), que comanda a CDH e a CPI na Alesp.

Mas não será fácil, como reconheceu o diretor da FMUSP. "São situações que vêm vindo e que agora, por algumas situações que acontecem hoje, a sociedade não aceita mais", complementou Auler, garantindo que fará tudo ao seu alcance para vencer uma cultura endêmica e institucionalizada dentro da FMUSP. **É um desafio maior do que se pensa e de difícil solução.** O Brasil Post tentou desembrulhar as muitas facetas deste tema e pontos que precisam ser discutidos sobre ele. Acompanhe:

ESPECIAL NÃO AOS TROTES

- Omissão política, desrespeito às leis, fraudes e descaso: Por que a tradição dos trotes se mantém firme no Brasil

- Melhor universidade da América do Sul, USP concentra casos assustadores de trotes

Close ? Trotes - O que há de pior de ? ?

- Em 2015, uma estudante de 17 anos foi queimada com ácido no primeiro dia de aula do curso de Pedagogia nas Faculdades Adamantinenses Integradas, em Adamantina, interior de São Paulo. A jovem foi atacada assim que chegou à instituição e sofreu queimaduras de terceiro grau nas pernas e na barriga. O hospital informou que o produto químico, que segundo a aluna foi lançado por dois rapazes, pode ser creolina misturada com algum tipo de ácido. No mesmo trote, um estudante teve o produto atirado sobre os olhos e pode perder a visão.
- Denúncias de abusos sexuais na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) foram o estopim para as investigações do Ministério Público de São Paulo e da CPI da Assembleia Legislativa (Alesp). Na instituição da capital, os estupros costumavam ser registrados em festas da Associação Atlética, onde 'cafofos' (espécie de tendas) eram montadas, supostamente, para armazenar bebidas. Entretanto, os espaços acabavam sendo palco de abusos, que não são exclusividade da USP, sendo registrados em outras instituições de São Paulo e do Brasil.
- Em depoimento na CPI da Alesp, uma ativista do movimento feminista da USP destacou um trote conhecido como 'banheira do Gugu'. Segundo ela, na semana de recepção aos calouros, as meninas passam por um ritual de apavoramento. Elas são separadas e são obrigadas a sentar em círculo, enquanto os veteranos ficam em pé, em sinal de superioridade. "E elas ficam repetindo a palavra cu, a mando deles", frisou. Em seguida, elas são obrigadas a lutar por um objeto escolhido pelos veteranos dentro da piscina.
- Ritual conhecido entre os estudantes da FMUSP, o 'pascu' é uma retração do que antes era conhecido como 'passa cu'. Nele, veteranos simulam um procedimento cirúrgico, vestindo roupas e luvas do hospital. A vítima deita-se de bruços e tem as calças arriadas. A seguir, os veteranos aplicam alguma substância na região do ânus da vítima (geralmente pasta de dente). Um aluno de medicina disse ter assistido à punição imposta a um diretor da Atlética que havia criticado esse trote, só que no lugar da pasta de dente, usaram uma pizza.
- A chamada 'Espumada da Atlética' consiste em atirar um montante de espuma de sabão sobre os calouros. As meninas são as que mais sofrem. Com a visão coberta, elas acabam sendo alvo de abusos físicos, como beijos à força e outros atos libidinosos.

- É comum calouros serem obrigados a ingerir bebidas alcoólicas logo na primeira semana de recepção em instituições de ensino superior do Brasil. Mas ao longo do curso o trote pode ser prolongado. Um estudante da FMUSP relatou torturas sofridas durante o Show Medicina, no qual bebida é atirada sobre os corpos dos calouros. Depois, eles são obrigados a beber até passar mal. Não é incomum calouros terem de ajudar uns aos outros quando há alguém que não aguenta mais beber. Não por acaso, há relatos à CPI da Alesp de alunos que acordaram no hospital após esse trote. Um calouro descreveu ainda uma situação em que foi amarrado para que seguisse bebendo.
- Ainda no Show Medicina, há relatos de calouros que acabaram sendo 'sequestrados' pelos veteranos. Os estudantes são levados à força para uma sala, onde todos são obrigados a tirar a roupa e simularem atos sexuais uns com os outros, para divertimentos dos veteranos. Além disso, quem não aguenta os ensaios exaustivos acaba acordando com o órgão sexual de um veterano em seu rosto. Há ainda eventos em que calouros são reunidos e obrigados a ter relações sexuais com prostitutas, após receberem um medicamento indicado para déficit de atenção e Viagra.
- Nesse evento organizado por veteranos, os calouros vão com os demais colegas para um sítio. Lá eles são obrigados a entrar em uma piscina - quem não aceita é jogado na água. Depois os veteranos jogam lança-perfume na água, o que causa formigamento nos calouros. A 'brincadeira' quase cegou um calouro que acabou atingido com a substância em um dos olhos.
- A presença de drogas em festas universitárias é um dos problemas envolvidos nas denúncias de trotes no ambiente acadêmico. Calouros da Unicamp narraram terem sido obrigados a ingerir bebidas 'batizadas' com algum tipo de droga, provavelmente anfetaminas. Segundo as investigações do MP-SP, os casos de estupro na FMUSP também possuem relação com o uso de bebidas batizadas por parte das calouras, que acabam sendo vítimas de veteranos. Na **Esalq**, o caso da jovem estuprada por oito rapazes em uma república também envolve uma forte suspeita de que ela tenha sido dopada pelos seus algozes.
- Ainda na Unicamp, há uma tradição em eventos como a Intermed e Calomed de veteranos realizarem a 'cusparada de cerveja', quando os calouros são alvo dos veteranos e ficam encharcados. Nesses eventos, segundo alunos, aqueles veteranos utilizando kilts (saias tradicionais escocesas) são os mais violentos.
- Uma cartilha da Bateria da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, a Batesão, apresentou ao mundo uma série de músicas reprováveis. Uma delas possui um teor racista e machista, que possui trechos como "preta imunda", a "morena gostosa" e a "loirinha bunduda", além de chamar mulheres negras de "crioulas fedorentas". O caso causou muita revolta, mas apenas expôs o racismo sofrido por negros e outras etnias dentro do ambiente universitário. Na USP, há relatos de alunos negros terem sido impedidos de entrar no campus em situações específicas.
- Na festa 'Carecas do Bosque', em 2014, homossexuais foram agredidos e impedidos de entrar na festa, promovida pela Associação Atlética da FMUSP. O caso teve enorme repercussão e muito pouco retorno por parte dos organizadores. Segundo as vítimas, a discriminação de gays e lésbicas no ambiente universitário é frequente e constante, sejam em músicas pejorativas ou em eventos como o Show Medicina, que costuma apresentar um espetáculo caricato e misógino, por vezes com interpretações que remetem a alunos que são 'desafetos' dos veteranos.
- É rara a faculdade que não possua uma associação atlética. E dela nascem grupos musicais, os quais em sua maioria produzem canções de cunho ofensivo, misógino, homofóbico e que prega o ódio contra universidades consideradas 'adversárias'. É comum que essas músicas discriminem minorias, como negros, e relembrem casos de estupro que acontecem dentro da própria instituição dos criadores desses hinos.
- Trotes costumam durar até o dia 13 de maio em universidades brasileiras. A data corresponde à declaração da Lei Áurea, que pôs fim à escravidão no Brasil, em 1888. Na PUC de Sorocaba, no interior paulista, a data é conhecida como 'Dia de Liberação dos Bixos'. Antes dele, porém, os calouros sofrem. As meninas são obrigadas a vestir camiseta do tamanho GG, usar apenas calça jeans e são proibidas de andar com o cabelo solto. As mulheres ainda não podem usar maquiagem e nem bijuterias. Já os meninos, além da camiseta, são obrigados a manter o cabelo raspado. Os alunos que não participam dos trotes são impedidos de entrar no Centro Acadêmico e proibidos de usar bancos e elevadores da faculdade.
- Ainda na PUC Sorocaba, alunos relataram ameaças desumanas contra calouros, as quais não se sabem comprovadamente se foram levadas a cabo. A primeira delas diz respeito a ameaças físicas, com direito a veteranos ameaçando 'urinar' sobre uma caloura que queria entrar em uma festa sem o 'kit calouro' - trote vivido por um aluno na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. A mesma também testemunhou ter visto um calouro ser obrigado a entrar em uma sala com

um veterano, que levava consigo um prato cheio de fezes. Há ainda relatos da obrigação de ingestão de vômitos por parte dos calouros.